

A SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL E O PROCESSO IDENTITÁRIO DE REFUGIADOS

Mariana KUHLMANN*

RESUMO

O uso da linguagem como meio de apreender e analisar o cotidiano de sujeitos submetidos a contextos migratórios críticos, como o refúgio, revela importantes aspectos dos processos identitários. A proposta apresentada nessa ocasião se centra no emprego do arcabouço teórico da Sociolinguística Interacional para compreender a realidade e o processo identitário vivenciado pelo sujeito refugiado. Para isso, empreenderemos inicialmente uma discussão fundamentada na compreensão das identidades como um processo sociocultural e discursivo. Posteriormente, discutiremos alguns conceitos da Sociolinguística Interacional para, então, realizar um estudo de caso baseado na transcrição de uma entrevistada fornecida por uma refugiada residente na cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Refúgio; Sociolinguística; Interacional; Identidade.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se pauta no emprego de fundamentos provenientes da Sociolinguística Interacional na análise qualitativa de processos identitários do sujeito refugiado. A princípio, assumimos como pressuposto que o emprego de tais fundamentos ultrapassa o estudo de um fenômeno de linguagem e possibilita a compreensão da identidade enquanto processo discursivo e social.

Para isso, o artigo se divide em duas partes. Na primeira parte, exporemos uma breve descrição da situação do sujeito refugiado no Brasil e das medidas praticadas para a promoção da sua integração social. Depois, será desenvolvida uma discussão orientada para a compreensão da identidade não como uma instância internalizada e essencial ao indivíduo, mas como processo cuja ocorrência se dá de maneira dinâmica, instável, social e discursiva. Vinculadamente a essa discussão, apresentaremos alguns estudos que se dedicam a promover a compreensão do processo identitário do sujeito refugiado por meio da linguagem.

Já a segunda parte, será conduzida de modo a mostrar a aplicabilidade da Sociolinguística Interacional como respaldo teórico-metodológico no estudo do processo identitário do sujeito refugiado. Primeiramente, apontaremos e discutiremos quais conceitos serão assumidos para essa ocasião. Por fim, empreenderemos um estudo de caso com a finalidade de exemplificar as questões

* Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP - FFLCH)
E-mail: mariana.kuhlmann@usp.br

discutidas ao focar o processo identitário de um sujeito refugiado por meio de uma interação face a face.

1. A IDENTIDADE DO REFÚGIO

A situação do refúgio figura como um tipo de fluxo migratório particularmente crítico. Essa particularidade está centrada no próprio contexto em que o refúgio se situa. De acordo com a Lei 9.474 (art. 1º, inciso I) é considerado refugiado aquele que devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas esteja fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira ser acolhido à proteção de tal país.

O sujeito refugiado tem o espaço do país origem marcado por guerras civis, perseguições, violência e desrespeito aos direitos humanos. Por sua vez, o espaço do país de acolhimento representa o lugar em que a sua integridade física e moral, teoricamente, será respeitada e preservada.

O choque cultural, comum a diferentes fluxos migratórios, visivelmente é um elemento que adquire contornos próprios na realidade do sujeito refugiado. Isso porque além de sofrer brusca ruptura de vínculos com o seu país de origem, ele precisa enfrentar os traumas decorrentes dessa ruptura e a igualmente brusca inserção em um espaço que não lhe é familiar e que possui língua e costumes que são diversos aos seus.

Ao contrário do migrante, o refugiado muitas vezes porta junto a si apenas a sua história de vida e o seu relato oral é o único comprovante referente aos fatos que ele vivenciou. Essa questão é esclarecida por Rizzo (2011, p. 100), que afirma que é comum que candidatos ao refúgio apresentem apenas a sua própria história: não possuem documentos, e muitas vezes não podem fornecer elementos outros, além da própria narrativa, como matéria de exame às autoridades estatais encarregadas de atestar as condições necessárias para a concessão da proteção internacional.

Essas circunstâncias instigam um importante tema a ser discutido: como se dá o processo identitário - assumido como o processo em que se dá a construção e a expressão das identidades - no contexto do refúgio? De acordo com Hall (2003), as identidades se tornam uma questão a ser analisada quando elas entram em crise. Em suma, quando a experiência de dúvida e de incerteza desloca e abala o que é assumido como estável e fixo pelo sujeito, conduzindo a sua identidade a um processo de crise.

A experiência do refúgio se enquadra no que Hall (2003) entende por experiência de dúvida e incerteza, uma vez que submete o sujeito a uma situação em que todos os vínculos socioculturais estabelecidos entre ele e as suas origens são abruptamente abalados. Apesar de trazer consigo a expectativa de abrigo e proteção no país de acolhimento, o sujeito se vê diante de uma série de incertezas. Começando pelo fato de que a sua solicitação de refúgio só é concedida e formalizada

após a sua chegada no país de acolhimento. Enquanto todos os trâmites burocráticos não forem finalizados, há o risco da sua solicitação de refúgio ser deferida. Logo, as primeiras interações entre sujeito refugiado e país de acolhimento são permeadas pela dúvida e pela instabilidade.

Além de ser uma experiência marcada pela instabilidade, o refúgio é também uma experiência dinâmica. A interação entre elementos relacionados às origens do sujeito e ao novo contexto social em que ele está inserido criam essa dinamicidade. Em relação a essa particularidade do refúgio, Francalino e Petrus (2008, p. 56) afirmam que o processo referente ao refúgio é vivenciado como experiência dinâmica a partir de uma constante interação de antigos e novos vínculos sociais, que se desenvolve no espaço social:

Nesse processo, diversas práticas e suas elaborações simbólicas resultam em mudanças dos sujeitos, de seus projetos, de suas perspectivas e dos olhares sobre a própria imigração. Essa experiência no espaço da imigração está perpassada, também, por interferência de redes sociais que podem estender-se por uma escala nacional e transnacional.

Ao assumirmos o refúgio enquanto experiência, marcada pela dinamicidade e pela instabilidade, que coloca a identidade do sujeito em crise, uma questão se destaca: como se dá a reconstrução e a expressão da identidade do sujeito refugiado na sociedade de acolhimento? Entendemos a construção e expressão da identidade como um processo identitário em que, conforme discutiremos a seguir, vínculos novos e antigos interagem de tal forma que é possível apreender tal processo pelo discurso.

2. IDENTIDADE: UM PROCESSO SOCIOCULTURAL E DISCURSIVO

Tratar de identidade pressupõe considerar os sentimentos de diferença e de igualdade. É certo que esses sentimentos não podem ser apreendidos como categoria objetiva. Sendo formulado em bases intersubjetivas, será necessário considerar qualitativamente o discurso que o conforma.

Nessa seção, em princípio, teceremos considerações concernentes à noção de identidade enquanto processo para depois tratar da relação existente entre processos identitários e discurso.

Moita Lopes (2003) aponta que as identidades não são um produto acabado, estável e essencialmente individualista. Para o autor elas são um construto social. É errôneo, por exemplo, considerar que a posição ocupada pelo sujeito está desvinculada dos eventos que sucedem em uma interação, dos fatores sócio-históricos que influenciam essa interação e dos julgamentos que são direcionados aos seus participantes.

Logo, nessa perspectiva, a identidade é um fenômeno sociocultural e nela estão refletidos tanto as histórias de vida e experiências do sujeito, como os aspectos referentes às tensões e dinâmicas sociais e aos preconceitos circundantes em uma sociedade. Moita Lopes (2003, p. 25) ainda afirma

que, acima de tudo, o sujeito (re)constrói a sua identidade se fundamentando nas marcas sócio-históricas do espaço social em que ele está inserido.

Para o autor, as identidades estão atreladas ao uso da linguagem, ao discurso, uma vez que envolve a ação humana exercida em relação a alguém. Além de serem compreendidas como fenômenos socioculturais, elas são também discursivas. Assim sendo, o processo de (re)construção das identidades pode ser apreendido em interações face a face.

Silva (2012) também assevera que as identidades não são um fato dado nem uma particularidade inata do sujeito. Em consonância com Moita Lopes (2003), o posicionamento de Silva (2012, p. 97) entende que a identidade

não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada.

O autor ainda reconhece a relação existente entre identidade e discurso, ao afirmar que estruturas discursivas e narrativas estão vinculadas às identidades assumidas socialmente.

2.1 Discurso, identidade e refúgio

A relação entre identidade e discurso, tanto no contexto do refúgio quanto em outros contextos sociais, é uma questão complexa que fornece respaldo para uma série de estudos relacionados à linguagem. Para essa ocasião, vale citar os estudos de Rochebois (2011), Frotscher (2011), assim como o já citado estudo de Francalino e Petrus (2008).

Rochebois (2011), ao analisar a aprendizagem de língua francesa por refugiados acolhidos na França, afirma que um sujeito refugiado sofre um processo de reabilitação da identidade linguística e também cultural que pode ser apreendido discursivamente, em suas falas. Os fatos traumáticos que antecederam a chegada ao novo país, as suas expectativas e dificuldades de inclusão social são fatores atuantes e decisivos nesse processo de reabilitação identitária.

Frotscher (2011), por sua vez, desenvolveu seu estudo com vistas a compreender a relação entre língua, memória e identidade. Para isso, focou a sua análise em histórias de vida de migrantes bilíngues que enfrentaram situações de migração críticas. De acordo com as conclusões alcançadas, a autora constatou que a experiência influencia no emprego do idioma usado durante a narração de um relato vinculado a essa experiência, o que incide no posicionamento da identidade do sujeito no decorrer de uma interação face a face.

Por fim, Francalino e Petrus (2008) enquadram as dinâmicas de afirmação e re-significação de identidades que envolvem refugiados e imigrantes congolese e angolanos. Segundo os autores, o grupo focado emprega o resgate das histórias de tradição oral e o ato de contá-las como forma de reorganizar memórias, o que favorece a reestruturação interna dos indivíduos que se encontram nesse contexto.

Os estudos citados, demonstram sucintamente que o sujeito estabelece com a linguagem uma complexa relação, elaborando por meio dela a sua própria autoimagem. Elementos como as condições em que o discurso foi elaborado, as variações linguísticas, a incidência de bilinguismos, a menção a projetos de vida, as narrativas referentes a experiências vividas são elementos que evidenciam processos identitários que ocorrem sociointeracionalmente por meio do discurso.

Isso significa que pelo discurso podemos conhecer os sujeitos que compõem um determinado grupo, suas aspirações e mesmo eventuais problemas cotidianos nas relações interculturais. Essa é a razão pela qual propomos que fundamentos da Sociolinguística Interacional são capazes de esclarecer particularidades de processos identitários, conforme discutiremos a seguir.

3. OS PROCESSOS IDENTITÁRIOS E A SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL

Uma dada comunidade apresenta uma organização e um contexto socio-histórico que lhes são próprios. A presença de um sujeito que não é oriundo dessa comunidade pode implicar numa série de alterações que atingem o próprio sujeito e a comunidade enquanto espaço social.

Blom e Gumperz ([1972]2002, p. 424), em estudo desenvolvido em uma pequena comunidade situada na Noruega, apontam de que modo tais alterações ocorrem e como elas podem ser identificadas no uso da linguagem. Ao recorrerem à noção de alternância de códigos linguísticos, os autores verificaram que sujeitos residentes nessa comunidade, quando na presença de um estrangeiro, apresentavam alterações comportamentais visíveis, assumindo uma postura menos descontraída e abandonando o dialeto local para empregar o norueguês padrão:

Certa vez quando nós, na condição de forasteiros, nos aproximamos de um grupo de residentes que conversavam, nossa chegada produziu uma alteração considerável na postura descontraída do grupo. As mãos foram retiradas dos bolsos, e as expressões faciais mudaram. Como se poderia prever, nossas observações ocasionaram uma mudança de código, marcada simultaneamente por uma alteração nas pistas do canal (ou seja, velocidade de enunciação das frases, ritmo, maior número de pausas, hesitação, etc.) e por uma mudança de (R) [um dialeto regional norueguês] para (B) [norueguês padrão, língua oficial da Noruega] em termos gramaticais.

Essa constatação mostra que a presença de um estrangeiro repercute em reformulações nas dinâmicas sociais e ilustra como os processos identitários são interacionalmente perceptíveis no

uso da linguagem: enquanto interagem com membros da própria comunidade, os sujeitos em questão assumiam uma postura que não apenas identificava tais membros mas que também inseria as suas próprias identidades na comunidade. Essa postura é perceptível não apenas pelo comportamento, mas também pelo emprego do dialeto local.

Além disso, é nítido como o emprego do dialeto local é usado em função de identificar aqueles que compartilham a mesma identidade e aqueles que não compartilham a mesma identidade. Ao empregarem a língua padrão, os membros da comunidade se afastam da identidade local para se posicionar diante do sujeito estrangeiro. Verifica-se assim, como os processos identitários são apreensíveis em diferentes níveis nas práticas discursivas.

Se as identidades são fenômenos discursivos apreensíveis em interações face a face, nos aproximamos finalmente da Sociolinguística Interacional. Inicialmente, é preciso assumir o que Goffman (1967 [2011]) entende por **face**, **linha de conduta** e **elaboração da face**. O autor afirma que em uma interação, o sujeito assume para si uma autoimagem, **a face**, que é constituída em função de atributos sociais positivos associados a aceitação, prestígio, respeito, admiração, etc. Além disso, ela é apresentada e sustentada discursivamente e exprime a identidade assumida pelo sujeito: "A face é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados" (GOFFMAN, [1967] 2011, p.15).

Para preservar a sua face, o sujeito atua conforme uma determinada **linha de conduta**. Nessa linha de conduta, estão imbricadas a interpretação que o sujeito faz sobre o seu comportamento e a sobre o julgamento dos outros. Desse modo, os significados referentes à aceitação ou à rejeição, ao prestígio ou à depreciação, são incorporados na face e surgem a partir da linha de conduta. Manter a face apresentada discursivamente é, assim, uma tarefa que presume que o sujeito assume uma linha de conduta que está em consonância com ela. Uma vez assumida a linha de conduta, dá-se **a elaboração da face**.

A elaboração da face é um processo que ocorre por meio de estratégias específicas adotadas pelo sujeito com a finalidade de apresentar e sustentar a face assumida no decorrer da interação. Entre elas, estão inclusos tanto recursos verbais quanto não verbais: alterações na prosódia para enfatizar ou atenuar; exaltação de qualidades socialmente aceitas; emprego de expressões de concordância ou discordância; pausas; elogios; demonstrações de afeto; gestos; certas construções gramaticais, etc. Todos esses recursos são empregados discursivamente com a finalidade de provocar uma determinada impressão, corroborando a identidade, a face, assumida ao longo da interação.

Ao aplicarmos tais conceitos à situação do sujeito refugiado e aos processos identitários, é coerente hipotetizar que o refugiado, considerando as especificidades que caracterizam a sua condição, busca a legitimação de sua identidade perante o outro. As dificuldades enfrentadas para alcançar tal legitimação incluem a falta de domínio do idioma, as divergências culturais, os rótulos

que lhes são direcionados e as barreiras para atingir a inclusão social, dentre as quais estão desemprego e a falta de acesso à educação. Tais dificuldades certamente influenciam na maneira como esses sujeitos se colocam no discurso. Em síntese, assumimos que esses fatores determinam a linha de conduta assumida sociointeracionalmente e as estratégias de elaboração de face empregadas em função da reconstrução de suas identidades nesse novo contexto social.

4. ESTUDO DE CASO

Antes de empreendermos o estudo de caso proposto, com vistas a mostrar de que forma os fundamentos da Sociolinguística Interacional contribuem para a compreensão dos processos identitários que envolvem o sujeito refugiado, cabe esclarecer algumas questões metodológicas.

Os dados reunidos para o estudo de caso foram fornecidos por uma mulher colombiana refugiada de 27 anos que dominava a língua portuguesa. Residente em São Paulo há mais de 5 anos, a participante, cuja situação jurídica está regularizada no país, autorizou o uso das entrevistas para estudos e divulgação. Após a realização das entrevistas, a entrevistada também foi explicitamente informada sobre quais trechos seriam analisados. Para manter a privacidade da entrevistada, será empregado um nome fictício, doravante Maria, para se referir a ela.

A entrevista durou 30 minutos, foi registrada em áudio e transcrita. Também foi elaborado um roteiro para a realização das entrevistas. Para esta ocasião, três perguntas do roteiro serão abordadas: (a) Como era a sua vida no seu país de origem?; (b) Como é a sua vida no Brasil? e (c) Você pretende retornar ao seu país de origem?

O material coletado a partir dessa entrevista foi analisado por meio dos pressupostos teóricos de **face**, **linha de conduta** e **elaboração da face**, partindo do pressuposto de que as identidades são processos socioculturais e discursivos.

4.1 Análise

E: Como era a sua vida em seu país de origem?

P: Difícil. Na Colômbia tem muito crime né? Criar os filhos sozinha não é fácil. Achar emprego até dá... Mas não dá dinheiro. Comprar comida para os meus meninos, remédio, pagar as contas. Tudo muito difícil. E proteger contra o crime? Eu tinha muito medo. De noite colocava todos para dormir no chão com medo de balas perdidas. No começo da madrugada eu ficava acordada com medo que invadissem. Na casa da vizinha lá da minha vila, invadiram. Bateram nela e levaram todo o dinheiro guardado. Os meninos dela ficaram apavorados. Se esconderam todos embaixo da cama. Depois disso, eles mudaram de casa. Mas lá a história não muda em casa diferente. É muito difícil.

E: Entendi. E como é a sua vida no Brasil?

P: Meus meninos estão na escola. Me ajudam a aprender o português. É importante que eles aprendam... Também tenho muita tranquilidade. MAS EU não fico aqui sem fazer nada. Trabalho bastante. Gosto de trabalhar. Quero uma vida melhor para mim e para eles.

E: E voltar para Colômbia? Você quer?

P: Quero ficar aqui, gosto daqui. Tenho alguns parentes lá, mas aqui é melhor. Apesar de tudo, tenho segurança... Hoje sou uma pessoa tranquila. Tenho tranquilidade, entende?

A entrevistada ao se posicionar na interação, recorre inicialmente a marcas socio-históricas do seu país de origem. A criminalidade, a má remuneração e a violência contra a mulher são marcas que emergem no seu discurso e que são usadas para indicar particularidades do seu cotidiano. As dificuldades em encontrar um bom emprego estão imbricadas com as dificuldades que ela enfrentava para criar seus filhos; a alta incidência da criminalidade e a violência contra a mulher estão imbricados com o medo de sofrer o que a sua vizinha sofreu. Nota-se que a todo momento, Maria parte do geral, ao evocar marcas sócio-históricas e vai para o particular, ao descrever aspectos da sua experiência de vida e, conseqüentemente, da sua identidade.

No decorrer da interação, enquanto sujeito, Maria apresenta diferentes facetas. A princípio se mostra como uma mãe temerosa pelo bem estar de seus filhos. A seguir, se mostra como um sujeito que valoriza o domínio da língua portuguesa e que gosta de trabalhar bastante. Por fim, como um sujeito disposto a ficar no Brasil. É visível como a construção da identidade da entrevistada se faz de maneira dinâmica e ao longo da interação, evocando elementos do contexto sócio-histórico e da sua experiência pessoal.

A entrevistada também recorre a atributos assumidos como socialmente positivos quando afirma: "*Também tenho muita tranquilidade. MAS EU não fico aqui sem fazer nada. Trabalho bastante. Gosto de trabalhar.*" (linha 12-13). Nesse trecho, fica visível a linha de conduta empregada com a finalidade de proteger a sua face, uma vez que ela recorre ao atributo "trabalhar bastante" durante o processo de elaboração da sua face. Nesse ato de fala, observamos não apenas o discurso da entrevistada, mas também um vínculo com discurso que é direcionado a ela e propagado na sociedade em relação à questão dos refugiados. Para melhor compreender a dimensão desse evento e suas conseqüências na interação, é preciso inicialmente tecer algumas considerações sobre o próprio contexto brasileiro.

O sujeito refugiado, apesar das medidas que visam integrá-lo, ainda é discriminado e visto como um sujeito improdutivo, muitas vezes confundido como um fugitivo da justiça (MOREIRA e BAENINGUER, 2010, p. 31). Por essa razão, enfrenta dificuldades de encontrar condições de trabalho dignas e salários justos. Esse fato indica que a entrevistada compreende esse atributo - trabalhar bastante - como socialmente aceito e faz questão de enfatizá-lo, uma vez que o emprega na busca pela legitimação e aceitação da sua face, ou em outras palavras, da sua identidade perante o outro existente entre ela e o novo contexto social em que ela está inserida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O posicionamento teórico-metodológico assumido nessa sucinta proposta de estudo condiz com o reconhecimento da Sociolinguística Interacional como meio de rastrear e analisar qualitativamente os processos identitários experienciados por sujeitos refugiados. Nos baseamos, desse modo, na noção de identidade como processo discursivo e sociocultural, ao admitir que as identidades se perfazem no discurso por meio da linguagem e, por isso, são apreensíveis em interações face a face. Admitimos também como pressuposto que as identidades, enquanto fenômenos socioculturais, refletem tanto as histórias de vida quanto experiências do sujeito.

A princípio, o que se verifica no estudo de caso empreendido é que o processo que promove o processo identitário do sujeito refugiado de fato é dinâmico e instável, como já suponhamos com base nas questões teóricas discutidas. Verificamos também que esse processo identitário se fundamenta em experiências pessoais imbricadas com marcas sócio-históricas, o que retrata não apenas a trajetória pessoal do sujeito, mas também o contexto social tanto do seu lugar origem quanto do seu lugar de acolhimento. Isso significa que, ao analisarmos a identidade da entrevistada, conseguimos encontrar respaldo para reconstruir o espaço social em que ela estava/está inserida, o que evidenciou a interação de vínculos sociais novos e antigos ocorrentes em sua identidade. Tais constatações estão em consonância com a concepção de identidade como construto social. A existência de uma tensão envolvendo o país de origem - o *lá* - e o país que as acolheu - o *aqui* - foi verificada no discurso da entrevistada.

O emprego dos conceitos provenientes da Sociolinguística Interacional de fato permitiu delinear o percurso do processo identitário do sujeito ao longo de uma a interação face a face. Ao assumirmos o conceito de face, elaboração de face e linha de conduta, obtivemos sustentação teórica para abordar o posicionamento do sujeito refugiado ao longo da interação. Desse modo, concluímos que o processo de reformulação identitária do sujeito refugiado se perfaz em função de atributos assumidos como socialmente bem aceitos na sociedade de acolhimento. Por meio dessa constatação, fica visível a busca empreendida pelo sujeito refugiado para atingir a legitimação de sua identidade.

THE INTERACTIONAL SOCIOLINGUISTICS AND THE PROCESS IDENTITY OF REFUGEES

ABSTRACT

The use of language to understand and analyze the daily life of subjects submitted to critical migratory contexts, such as refuge, reveals important aspects of identity processes. The proposal at this time focuses on the use of the theoretical framework of Interactional Sociolinguistics to understand the reality and the identity process experienced by the refugee subject. For this, initially we undertake a discussion based on the understanding of identity as a sociocultural and discursive process. Later, we

discuss some concepts of Interactional Sociolinguistics to then perform a case study based on the transcript of an interview provided by a refugee resident in Sao Paulo.

Keywords: Refuge; Interactional; Sociolinguistics; Identity.

REFERÊNCIAS

BLOM, Jan-Peter; GUMPERZ, John J. O significado social na estrutura linguística - Alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, p. 45-84, 2002.

FRANCALINO, João Henrique; PETRUS, Maria Regina. Dinâmicas de afirmação e ressignificação de identidades: um projeto cultural em construção com refugiados e imigrantes congolese e angolanos. In: *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*. Brasília: Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, vol. 16, p. 532-544, 2008.

FROTSCHER, Méri. Língua, memória e identidade. Considerações metodológicas sobre histórias de vida de migrantes bilíngues. In: *Revista História Oral*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral, vol.14, p.97-122, 2011.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva Petrópolis: Vozes, 2011.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Discursos de identidades*: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

MOREIRA, Julia Bertino; BAENINGER, Rosana. A integração local de refugiados no Brasil. In: *Forced Migration Review*. Oxford: University of Oxford, vol. 35, p. 30-31, 2010.

RIZZO, Ricardo. Cuidado ao ouvir: refúgio e narrativa. In: *Caderno de Debates - Refúgio, Migrações e Cidadania*. Brasília: IMDH, vol. 6, p. 99-116, 2011.

ROCHEBOIS, Christianne. A aprendizagem da língua francesa como reconstrução de identidade. In: *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis: UFSC, vol. 11, p. 186-196, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomás Tadeu. (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.